

Poesia e Prosa

Ofício dos pombos

Raoni Xavier Lucena¹

Tenho a boca em chamas. Os pés expandem-se, ansiosos por movimento. Os pulmões atiram-se contra as paredes do cárcere sem ritmo, fora de compasso, como um bicho enjaulado querendo fugir. A cabeça foi na frente, já está dentro do trem, já está na praça dos arcos contemplando a beleza de Maria. Ah, Maria! Lábios que reduzem o mundo a borões. Seu cabelo caracol já me fez esquecer o caminho de casa muitas vezes, perdido, Tateando no escuro por aquela luz, um pescoço alvo que cheira como se nada mais tivesse cheiro algum. Preciso estar junto dela, foda-se a matemática, foda-se a literatura. Tenho tudo isso em Maria. Meu camarada sempre diz: o tempo passa! Precisamos aproveitar, precisamos correr, precisamos voar, precisamos de tudo, precisamos, precisamos, agora, depois pode não existir. É assim que vencemos o tempo, agarrando-o com as mãos, fazendo dele o que quisermos! É assim que eu venço o tempo, desfazendo-me no infinito que é Maria.

A cabeça volta do futuro e me diz: você está atrasado. Corro mais. Aquele trem não vai me deixar aqui no presente, preciso ser mais rápido que ele. Cinco metros a minha frente, um piso lisinho me faz reverência. Cesso a corrida, emparelho os pés, abro os braços e deixo a física acontecer. Surfo aquela onda de cerâmica com meus tênis gastos. Estico o pescoço, olhos fixos no vão da porta da estação. Aquele trem que não ouse partir sem mim! Penduro-me nele se for preciso. A energia acumulada vai se esvaindo no atrito com o chão. O vão da porta se aproxima. A velocidade vai reduzindo, o calor vai aumentando. Os pulmões sustentam sua paciência, agarram-se nas grades do tórax em expectativa. Nas linhas de trem, vejo apenas um vazio. Uma força contrária me embaralha os pés. O mundo se desfaz. Quando abro os olhos, vejo o velho telhado da estação.

Permaneço ali no chão, imóvel, por alguns segundos. O tempo rompeu-se com a queda. Tento juntar meus pedaços. Aos poucos vou lembrando onde estão os membros inferiores, os superiores. Busco com a mão o meu boné. Ergo-me e vejo o agente da minha ruína: um balde de manteiga amassado, escrito “Bem-te-vi”. Emborcado, despeja seus últimos fluxos de água suja. O dono do balde segue meu rastro. Balança a cabeça em reprovação. Estende-me a mão. Uma mão engelhada, retorcida, mastigada e cuspidada pelo tempo, um cobertor de ossos manchado de sol, calejado de trabalho. Não minto: sinto asco. Recuso a ajuda. Apoio os braços no chão molhado. O frio daquela água suja sobe pelos meus ossos. Ergo-me com dificuldade. Terei quebrado alguma coisa? Apalpo o corpo. Confiro se está tudo bem com essa locomotiva. Ai! O cotovelo não saiu ileso, atirou-se na frente bravamente para impedir que o chão ganhasse a briga. Alheio a minha dor, o velho vai em busca do companheiro. Ergue o balde, lento, um paquiderme sexagenário a colher minhocas da terra. Por que não se aposenta? Insiste em largar baldes pelo chão, em esfregar essa cerâmica fosca em vão. Talvez a esfregue na ilusão de ver seu reflexo, cadavérico, rastejante. Mas nada de novo há de vir desse chão desgastado. Olho em volta e não vejo mais ninguém. Preciso saber o que houve com o trem. Se já partiu, se estou preso aqui com esse esqueleto. A placa dos horários é um antigo quadro negro de escola. Corro até ele. Os joelhos tentam me impedir, reclamam. Parece que a luta com o chão foi dura. Insisto, mostro a eles quem manda. Na placa, horários escritos com giz, registros toscos de chegadas e partidas. Por um momento o nome do trem dá lugar ao nome de Maria. Ao lado de seu nome o horário, escrito com força, com giz de outra cor, sentença meu destino. Merda! Maldita hora que escolhi ir de trem! Agora, quero tudo, quero um barco, um avião, um burro, uma bicicleta, qualquer coisa que me leve para

¹ E-mail: raoni.lucena@ifpb.edu.br – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba.

ela. Atrás de mim, aquele funcionário dos escombros me observa com sua curiosidade de múmia recém-acordada. Não há mais ninguém, tenho que perguntar a ele. Perguntaria aos pombos, se soubessem falar. Ando até seu lado. Ele desvia a vista e torna a esfregar o chão, a entumecer o esfregão encardido com os resquícios da água suja que derramei. Pergunto-lhe do trem.

– Está atrasado.

Um fogo se acende. Beijaria aquela face, aquela Cordilheira dos Andes de rugas e pelos, se não me desse tanto nojo. Agradeço e corro para o banco mais próximo, giro feito um pião e me deixo quedar sentado sobre suas pranchas rotas de madeira, casa de cupins. Ponho-me em posição de alguém que espera. Pernas em ângulo, pés inquietos, braços encastelados sobre os joelhos, costas projetadas para a frente, como se esperasse o tiro de largada dos cem metros rasos. O peito volta a operar no ritmo habitual, descompassado, batida de vida, de esperança, de quem inspira o ar do presente e expira no futuro. Larga expansão e contração. Desejo de ter Maria em meus braços. Apertá-la forte, beijá-la leve, elevar-me, desfazer-me. Faço batuques na madeira. Sua matéria apodrecida só me devolve sons abafados. Mas são suficientes. Só preciso marcar o ritmo, a música já explode na minha cabeça. Abro os olhos e vejo o velho a me observar novamente, sua curiosidade de cadáver que vê a vida pulsar. Envergonha-se, olha pro chão, disfarça, volta aos seus afazeres de túmulo, sacode a cabeça, me reprova. Continua a reprovar-me, velho, é a única forma de veres sentido nesse teu resto de vida. Vês como sou jovem e tu, decrepito.

Olho para o velho relógio da estação. Seus ponteiros se arrastam por pura teimosia, já deviam ter parado há muito tempo. Já são quinze minutos de espera. Conte as cerâmicas quebradas de trás pra frente, pra cima, pra baixo, esquerda, direita. Os pombos vêm e vão. Animais estúpidos. Passam a vida a se contentar com migalhas. Desperdiçam seu tempo! Sabem voar, por que não vão embora, não conhecem o mundo, por que não vão buscar frutos maduros e deliciosos em vez de se lambuzar de sarjeta? Ah, se eu fosse pombo! Não estaria aqui esperando esse trem de miséria, nessa estação de podridão! Levanto-me e vou em direção ao senhor da sujeira. Está lá, esfregando o mesmo lugar de antes, desperdiçando tempo. Não entendo, tão pouco tempo lhe resta e desperdiça-o. Estará maluco? Ou será apenas um preguiçoso a justificar seu ordenado? Pergunto-lhe do trem.

– Está atrasado!

É só o que ele responde, fecha a cara, pega seu balde e seu esfregão e desaparece na área de serviço. Mas que inferno! Volto para o banco. Frustração é meu nome, tédio é meu amigo. Arremesso o boné contra as pranchas podres. Elas rangem ao suportar meu corpo. O meu corpo range junto, deve ser resquício da queda, ou artimanha do frio. Fecho a jaqueta. Estico as pernas sobre o banco, saco meu caderno da mochila e tento revisar a matéria da última aula. Não consigo, tudo é turvo e embaçado. Não estou com cabeça. Rasgo umas páginas só para ouvir o barulho do papel. Amasso dentro da mão e faço pontaria. Um pombo é meu alvo. Quero ver como ele reage quando seu mundo se desfaz. Vai apenas voar, certeza. Idiota, é só o que faz, comer sujeira e fugir. Estão lá três reunidos, perto da borda da linha. Vai ser bonito. Algo os espanta. Eles voam antes que eu arremesse a bola de papel. No canto do meu olho uma mulher, banhada em preto, caminha em direção à linha do trem. Seus passos são econômicos. As mãos suspensas e unidas na altura do umbigo dão-lhe um ar de nossa senhora, uma nossa senhora fúnebre, cujo véu preto escurece a cabeça. Fecho a bola de papel na mão, me envergonho e volto a minha tarefa de espiar pombos. No canto do meu olho a figura soturna me fissa outra vez. Olho para ela. Parece esperar por alguém. Alguém precisa avisar-lhe que o trem está atrasado. Ela olha para mim. Instintivamente viro o rosto. Disfarço por uns segundos e torno a olhar: ela olha para a linha do trem. Seu olhar é vago e triste. Sinto tremer o corpo, sinto a força esvair-se dos músculos. Deve ser o frio. Olho novamente e a mulher sumiu. Levanto de um salto.

Como pode ser? Foram apenas segundos. Como desapareceu tão depressa? Corro em direção à plataforma de embarque. Nos trilhos vejo a figura da mulher, a nossa senhora dos mortos, deitada onde passa o trem, o véu a cobrir-lhe o rosto. Meu coração explode. O sangue retrai, faz o caminho de volta, deixando as pernas fracas e as mãos geladas. A boca seca e arde instantaneamente. Permaneço ali imóvel, paralisado na visão daquela figura, até que uma mão terna me puxa pelo braço.

Abro os olhos assustado. Na minha frente, o velho faxineiro segura meu braço, tentando me acordar. Lembro-me do trem. Deve ter chegado, deve ser por isso que ele me acordou. Olho para as linhas: estão vazias. Devo ter adormecido. Será que perdi o trem? Lembro-me da figura de preto que estava há pouco ali de pé. Olho para o rosto do velho. Estou assustado. Pergunto do trem.

– Está atrasado.

Enxugo a saliva da boca. O frio é mais intenso. Ouço o céu rasgando-se ao longe. Uma chuva pesada castiga os trilhos vazios e faz os pombos recolherem-se nas vigas podres do telhado. Levanto-me e os joelhos estalam. Caminho em direção ao local onde vi a nossa senhora dos túmulos. Observo a vastidão dos trilhos banhados de chuva. Eles desaparecem na neblina que se forma além dos muros da estação. Nenhum sinal do trem. Pergunto-me quanto tempo perdi dormindo. Volto-me para o velho relógio: os ponteiros por fim desistiram da sua marcha. Não sei mais do tempo. Terei perdido o trem? Uma goteira me acerta no nariz. Volto para o banco exausto e com frio. Encolho-me e aguardo. Maldito velho, deve estar senil! O trem não deve ter se atrasado, deve ter partido. Agora só me resta esperar o próximo. Foda-se! A essa hora já deveria estar com Maria. Se ao menos soubesse quanto tempo perdi... Tentarei ficar de olhos abertos, não perderei o próximo. Devo ter cochilado enquanto observava os pombos. Esperarei, por mais que isso me irrite, esperarei. Tenho a certeza de que Maria estará me esperando. Ela sabe que esses trens não são de confiança, atrasam-se todos. Se ela soubesse o frio que está aqui... Sinto sua falta. Faz mais de uma semana que nos vimos, é muito tempo. Mas não há problema. É certeza que haverá outro trem, sempre há. É o ofício dos trens ir e voltar e ir novamente. De hora em hora, de quinze em quinze, de vinte em vinte, sempre há outro trem. Esperarei, não deixarei que o sono me arraste outra vez. Preciso me distrair. Do outro lado da estação, o velho faxineiro está sentado num banco, braços cruzados sobre o peito, as mãos agarrando com força as sobras de pano do macacão encardido, os nós dos dedos saltando brancos. Ele olha para os trilhos distraído, o olhar perde-se na neblina junto com as linhas de ferro. Cruza as pernas e deita o queixo sobre o peito. Está sentindo muito frio. Porque não se recolhe na sua área de serviço mofada? Deve estar quentinho lá dentro. Melhor que aqui fora, onde a chuva e as assombrações se esforçam para entrar. Daria meu casaco para ele se eu não estivesse também com muito frio. Será que espera pelo trem? Será que teme que eu adormeça outra vez, por isso faz essa vigília gelada? Ele olha para mim. Rapidamente olho para baixo. Deve ser isso mesmo. O estúpido não quer que eu perca o trem. É muita bondade de sua parte, mas não pedi por tal gentileza. Sei cuidar de mim. A aula de matemática foi muito chata e hoje não tomei café, foi isso. Agora ficarei firme como uma estaca. Não serei como os ponteiros preguiçosos desse velho relógio, que desistiram da vida, largaram seu ofício e me deixaram na mão. Serei forte, Maria me aguarda, não posso deixá-la esperando.

Tento não pensar no sonho de agora há pouco. Nunca havia sonhado com tal coisa. Deve ser o efeito do tempo neste lugar. As pessoas dizem: coisas velhas deixam o espírito velho. Prefiro focar-me no novo, no futuro, em Maria. Levanto-me. Dizem que mexer o corpo é bom para combater o frio. A peneira sobre nossas cabeças deixa o chão cheio de poças d'água. A umidade penetra as roupas, a pele, encharca o coração, amolece os ossos. Os ossos, o que há com eles? Sinto rangerem. Deve ser o frio e a inércia. Fiquei muito tempo sentado naquele banco. Hora de me mexer. O faxineiro me vê levantar. Lança um olhar piedoso,

se compadece da minha situação. Ninguém gosta de esperar por um trem que nunca chega. Em seu ofício já deve ter visto muitas pessoas esperando. Ele percebe que preciso de exercício e me aponta o balde e o esfregão. Até que seria interessante, com essa chuva há muita água para enxugar. Valei-me, Deus! Que é que estou pensando? São goteiras! Pareceria um idiota. Seria como enxugar gelo. Ele deve estar de brincadeira. Deve estar tirando uma com a minha cara!

Caminho até o portão da estação. Sinto a vida voltar a fluir em minhas pernas. Tomo um tempo observando os velhos afrescos portugueses. Sua cor azul pálida destoa dos tons lúgubres do restante da paisagem. Detenho-me num dos desenhos. Parece-me particularmente bem resolvido, apesar de fugir do conjunto. Uma mulher envolta em detalhes florais. Ela veste um manto dos ombros aos pés e um véu lhe recobre a cabeça. Meu peito se aperta. Parece a mulher do sonho. Troque o azul por preto e teremos ela: a nossa senhora dos túmulos. Aperto o passo, sacolejo a cabeça, tento esquecer aquela visão. Apoio-me no portão da estação e tomo fôlego. Ele está entreaberto, tento fechá-lo, mas o trinco está enferrujado. Fico ali por alguns minutos observando a rua além das grades. Uma neblina espessa reina, não se vê muito. Sinto claustrofobia. Volto para dentro, para onde é iluminado, para o velho banco de madeira, meu altar da espera. Desvio o olhar dos afrescos. Na plataforma, o faxineiro enxuga pacientemente as poças d'água, só para ver as goteiras molharem tudo novamente, lentamente, pingo por pingo. Ele parece tão absorto nessa tarefa... parece que nada o perturba. Em seu castelo de senilidade há muita água que precisa ser enxugada.

Um passo fora de tempo e ele desaba. Cai sobre os joelhos como um velho tronco apodrecido e roído pelos cupins. O meu reflexo é de ajudá-lo. Sinto pena. Por mais estúpida que pareça a figura, a pena parece absolvê-la. Corro em sua direção, esquivando-me das poças d'água. Ele geme de dor. Apoio meus braços abaixo de seus ombros e ergo seu corpo. Como pesa! Meus pés escorregam tentando manter o equilíbrio. No chão, gotas de sangue se desfazem na água, como uma aquarela carmim. Deve ter se cortado nas falhas da velha cerâmica. Eu nunca havia tocado em uma pessoa idosa antes. É como agarrar um saco cheio de taças de vinho. A pele se retorce. Você teme quebrar algo que está lá dentro. Teme estar usando mais força do que o necessário e, mesmo depois de tê-lo posto de pé, você não lhe tira as mãos, com medo de que volte a cair. Ele olha para mim, agradecido. Na mão, um veio de sangue forma pequenos riachos nos vales da pele. Ele se projeta para pegar o esfregão, quer continuar no seu ofício ilógico de enxugador de goteiras. Eu me compadeço, por fim. Curvo-me, passo seu braço por sobre meu ombro e o conduzo até o velho banco onde estive sentado. Algumas folhas de caderno devem dar conta de estancar o sangramento. Ele senta-se contrariado. Seu rosto se retorce das dores da velhice, joelhos, músculos, frio. Eu trato-lhe da mão. O corte foi pequeno, não demora a se fechar. Ele se inquieta, parece uma criança. Aponta para o esfregão, querendo levantar-se. Mas que teimoso! Largo sua mão e o papel manchado de sangue vai ao chão. Onde está o meu trem?, pergunto-lhe irritado. Levanto-me e ando com firmeza até o esfregão. Apanho-o, arrasto a lata de manteiga para perto e começo a enxugar poças d'água. Ele se acalma. Passa a mão cortada sobre a cabeça como se acariciasse pensamentos nervosos. Em seu devaneio, balbucia algo que não consigo entender. Balança a cabeça em reprovação. Parece repetir a mesma frase para si. Olho para aquela criatura de pena e sofrimento. Sofro junto com ela. Nessa idade não devia estar limpando uma velha estação de trem, devia estar em casa quentinho, acariciando um gato, lendo um jornal, esperando pela chegada da morte. Deixo-me ali naquele vai e vem de pano encardido, naquele desfazer de poças, naquele gotejar paciente, contínuo, incessante. O esfregão passa, retira a água e as gotas caem, trazendo mais água. Agora entendo o velho, aquilo é mesmo relaxante. É como se encontrasse naquela repetição o infinito, um desfazer de propósitos, como se o mundo ficasse turvo e você se perdesse do tempo. Sou retirado de meu transe por uma mão terna. Eu disse para ele ficar sentado, por que se levantou? Viro-me e não é o velho que vejo. Vejo uma mulher, de olhar preocupado. Seus olhos sustêm uma lágrima. Ela parece muito feliz em me ver. Fico confuso. Não é Maria. Não é a nossa senhora dos túmulos. É outra mulher de quem não

me recordo. Tem idade para ser a minha mãe. É bonita. Ela me abraça com força. Chama-me de pai. Estou confuso. Ela pega na minha mão engelhada e tenta enxugar o sangue com um lenço. Com o mesmo lenço, enxuga a saliva que escorre da minha boca. A chuva passa, a neblina se esvai. Os pombos descem de seus ninhos na madeira podre do teto da estação e voltam ao seu ofício de pombos. A mão leve me conduz para fora, devagar, no ritmo lento dos meus passos. Num dos bancos da velha estação abandonada, um jovem de calça jeans e jaqueta fica para trás no seu ofício de espera impaciente. Ele não me olha mais com nojo, apenas baixa a cabeça e aguarda o trem que está atrasado.

